

“VALENTINA”: OUTRAS HISTÓRIAS DO CHOCÓ

“VALENTINA”: OTHER STORIES FROM CHOCÓ

Ákyla Mayara Araújo Camêlo¹

Isis Milreu²

RESUMO: Neste trabalho nos debruçamos sob o conto “Valentina”, inserido no livro *Vean vé, mis nanas negras* (2001), da escritora afro-colombiana Amalia Lú Posso Figueroa, a fim de verificar como as personagens negras são representadas na referida narrativa. Em sua ficção, a narradora traz à tona memórias de sua infância em Quibdó, capital do Chocó, região do Pacífico colombiano, recordando os relatos que sua babá Valentina contava sobre a resistência dos negros chochoanos em diferentes momentos da história do país. Consideramos que a relevância do referido conto está no fato de que estes acontecimentos são narrados do ponto de vista de uma mulher negra, dando voz a um grupo que foi historicamente silenciado. Acreditamos que esta ficção contribui para a desconstrução de estereótipos sobre os afrodescendentes chochoanos fomentados na sociedade colombiana. Inicialmente, refletimos sobre a literatura produzida por mulheres negras na América Latina e sua representação nas obras literárias. A seguir, apresentamos a literatura afro-colombiana e expomos um panorama histórico do Chocó. Por fim, analisamos o conto “Valentina”, investigando a caracterização das personagens negras e a recriação de acontecimentos históricos presentes na narrativa. Entre os nossos referenciais teóricos encontram-se Adichie (2019), Bernd (2007), Esteves (2010) e Evaristo (2005), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Amalia Lú Posso Figueroa; Representação de mulheres negras; Literatura feminina afro-colombiana; Literatura latino-americana contemporânea; Literatura e história.

ABSTRACT: This paper on the story “Valentina”, published as part of *Vean vé, mis nanas negras* (2001), by afro-Colombian writer Amalia Lú Posso Figueroa, aims at analyzing the way black female characters are represented in the story. In her fiction, the narrator brings up memories of her childhood in Quibdó, Chocó’s capital city, located on Colombian Pacific, by remembering the stories her nanny Valentina used to tell about the resistance of Chocó’s black people on different moments of Colombian history. It is considered that the importance of this story lies on the fact that these events are narrated from a black woman point of view, and so giving voice to afro-descendants from a historically silenced group. So, it is believed that this story contributes to

¹ Mestranda em Linguagem e Ensino na Universidade Federal de Campina Grande – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2186-9333>. E-mail: akylamayaraaraujo@gmail.com.

² Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Brasil, com período sanduíche em Universidad de Buenos Aires – Argentina. Professora Assistente da Universidade Federal de Campina Grande – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9142-1406>. E-mail: imilreu@gmail.com.

deconstruct stereotypes on Chocó afro-descendants promoted in the Colombian society. First, reflections are made on literature produced by black women in Latin América and their representation in literary works. Second, a portrait of afro-Colombian literature is presented together with a historical panorama of Chocó. Finally, the story “Valentina”, is analyzed by characterizing black female characters and recreating the historical events present in the story. Adichie (2019), Bernd (2007), Esteves (2010) and Evaristo (2005) are among the main references of this study.

KEYWORDS: Amalia Lú Posso Figueroa; Black women representation; Afro-Colombian female literature; Latin American Contemporary Literature; Literature and History.

1 PALAVRAS INICIAIS

Amalia Lú Posso Figueroa nasceu em Quibdó, Chocó, em 1947, onde viveu até os treze anos de idade, mudando-se com seus pais para a capital colombiana. Ali estudou psicologia na Universidad Nacional de Bogotá, destacando-se como líder estudantil e militante das Juventudes Comunistas. Além de escritora, também atuou professora e psicoterapeuta. Atualmente, faz parte de um grupo de escritoras afro-colombianas que contribuem para a divulgação das histórias das comunidades negras de seu país, revalorizando sua cultura.

Figueroa já lançou dois livros: *Veán vé, mis nanas negras* (2001) e *Betsabelina Anansé Docordó. Un cuento de la selva de Chocó* (2009), editado em formato bilíngue em espanhol e francês. Além disso, parte de seus contos está inserida em revistas e antologias de diferentes países. A autora também adaptou alguns de seus relatos para o espetáculo *Cuentos eróticos del Pacífico colombiano*, o qual foi apresentado na Colômbia, Espanha, França, Venezuela, Argentina, México, Brasil, Equador, Jamaica e Estados Unidos. Sua produção literária foi reconhecida oficialmente através do decreto 0010 do Governo de Chocó, publicado em 2007, que determina “Exaltar la vida y obra de la escritora y poeta chocona, Amalia Lú Posso Figueroa.”

Vean vé, mis nanas negras (2001) foi reeditada nove vezes e reúne 25 narrativas cujas personagens são babás negras que apresentam um ritmo em determinada parte do corpo. Verificamos que o livro foi traduzido para o galego por Isaac Xubín, sob o título de *As miñas nanas negras* (2019). Também identificamos uma tradução do conto “Delfa García e Jesusita Blandón” para o português brasileiro, incluída no livro *Histórias das terras daqui e de lá* (2007), de Eliana Yunes e Amalia Lú Posso Figueroa, e a adaptação de alguns relatos para a peça *Susuné*, de Carolina Virgüez, em 2011. Assim, notamos que, recentemente, a escritura de Figueroa começou a frequentar as terras brasileiras.

Consideramos que *Vean vé, mis nanas negras* é um convite para conhecermos as histórias das distintas personagens, conforme indicado no título. Observamos que estas ficções são apresentadas por uma narradora que possui alguns biografemas da escritora, problematizando a separação entre autor e narrador, um procedimento característico da literatura contemporânea. Pensamos que o título da obra indicia tanto a proposta de dar visibilidade às babás negras quanto a perspectiva de quem irá contar estas histórias, marcada pelo pronome possessivo “mis”, acentuando a aproximação entre a narradora e a autora, a qual se insere dentro da ficção. Desse modo, por meio de um ponto de vista de uma mulher negra os leitores entram em contato com elementos da história e da cultura do Pacífico colombiano.

Entre os contos do citado livro, destaca-se o penúltimo, intitulado “Valentina”, cuja personagem manifesta o ritmo no pensar. A narradora mostra como a babá foi importante para sua formação e recorda os relatos que ela contava sobre a resistência dos chocoanos em diferentes momentos da história colombiana, ouvidos de sua mãe. Assim, objetivamos analisar como estes acontecimentos foram recriados e como as personagens negras, especialmente Valentina, foram representadas nesta ficção.

Para atingir nosso propósito, primeiro refletimos sobre a literatura produzida por mulheres negras em nosso continente. Em seguida, discutimos a literatura afro-colombiana e a inserção da autora nesta vertente literária. À continuação expomos uma síntese da história de Chocó e examinamos o conto “Valentina”.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA DE MULHERES NEGRAS NA AMÉRICA LATINA

No *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*, Zilá Bernd (2007) aponta que a figura do negro está presente na literatura latino-americana desde a época da colonização. Porém, adverte que

De modo geral, o negro na literatura colonial aparece comparado ao indígena, demonstrando mais força e menos inteligência, são bestas que seguem cegamente as ordens de seu senhor. A partir do século XIX essa imagem começa a mudar, mas é no século XX que o negro passa de objeto literário a sujeito (BERND, 2007, p. 475).

O fragmento destaca a limitada e preconceituosa representação dos negros na literatura colonial de nosso continente, caracterizada pela falta de inteligência e pela força bruta. A estudiosa assinala que a imagem de besta será substituída pela de vítima nos romances antiescravistas do século XIX. Também pontua que somente no século XX, “[...] influenciados por intelectuais e artistas europeus (Frobenius, Picasso, Apollinaire e outros) que começaram a valorizar a arte africana e suas manifestações no Novo Mundo, que os negros passaram a ser vistos como parte da cultura latino-americana.” (BERND, 2007, p.476). Em suma, durante séculos o negro não foi visto como uma pessoa e, por isso, o processo de reconhecimento de sua cultura só iniciou quando alguns conhecidos europeus valorizaram sua arte, desvelando a mentalidade colonizada que permeia a nossa sociedade.

Entretanto, constatamos que a transformação da imagem do negro só se consolida no momento em que ele deixa de ser objeto literário e se converte em sujeito, contando suas histórias de seu ponto de vista. Bernd (2007, p.476) registra que “De um modo geral, o escritor afro-latino-americano, consciente de seu papel na sociedade, afirma sua presença por meio da literatura. Retrata heróis negros, destacando sua importância na formação cultural latino-americana.” Pensamos que este movimento proporciona a desconstrução de estereótipos dos povos negros e a revalorização de sua cultura.

Bernd (2007) pontua que houve muitas mudanças na literatura afro-latino-americana a partir dos anos de 1990 devido aos efeitos da globalização. Em sua opinião, “Já não se pensa em afirmação de uma identidade única, que se quer negra, mas em identidades negociadas, em processos culturais que aproximam os povos da diáspora.” (BERND, 2007, p.477). Neste movimento de renovação da literatura, ressalta a contribuição das escritoras negras, as quais, além das frequentes temáticas tratadas pelos autores negros também denunciam os valores do patriarcado que ainda estão presentes em nossa cultura. Contudo, apesar da relevância de muitas destas obras, a investigadora adverte que poucas fazem parte do cânone literário. Portanto,

A escrita representa, então, um ato de resistência, uma alternativa para questionar valores preestabelecidos e buscar o reconhecimento do papel do negro na formação e no desenvolvimento das sociedades hispano-americanas. São vozes que, de uma maneira verdadeiramente “calibanesca” subvertem a voz dominante (BERND, 2007, p.47).

Nessa ótica, a escrita de homens e mulheres afrodescendentes pode ser interpretada como um ato de resistência e de subversão, atitudes que também marcam a literatura de autoria feminina em nosso continente. Em “Literatura e escrita feminina na América Latina”, Sara Guardia (2013) sintetiza a trajetória da produção literária de mulheres latino-americanas que buscam uma voz

própria. Também questiona o fato de o cânone literário ser quase exclusivamente masculino e, acrescentamos, branco. Nesse contexto adverso, a escritura de nossas autoras percorreu um árduo caminho até ser reconhecida nos anos de 1980. A estudiosa registra que nesta década

[...] a literatura escrita por mulheres já não é o gueto dos anos anteriores, as mulheres figuram nas antologias literárias da América Latina, e se publica uma profusão de livros com trabalhos críticos sobre sua escrita com diversos enfoques em um espaço diferente e alternativo, em que o privado subverte o público. A incorporação de assuntos até então considerados masculinos e o distanciamento de uma temática romântica e testemunhal abrem caminho a novas formas de expressão (GUARDIA, 2013, p.30).

Constatamos que atualmente, apesar destes significativos avanços, a maioria das autoras afrodescendentes ainda se encontra à margem do sistema literário latino-americano. Com raras exceções, suas obras têm pouca circulação em nosso continente e há escassos estudos sobre a literatura feminina afro-hispano-americana em nosso país. Além disso, continuam a vir a público ficções que representam a mulher negra de forma preconceituosa.

No Brasil, esta problemática foi discutida por Conceição Evaristo, entre outras estudiosas. No artigo “Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira”, Evaristo (2005, p.53) assinala que

[...] a literatura brasileira, desde a sua formação até a contemporaneidade, apresenta um discurso que insiste em proclamar, em instituir uma diferença negativa para a mulher negra. A representação literária da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor.

A autora ressalta que estes estereótipos estão presentes em textos literários brasileiros desde a época colonial e que estas representações constroem uma imagem deturpada da mulher negra. Também critica

[...] a ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra. Quanto à mãe-preta, aquela que causa comiseração ao poeta, cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus. Na ficção, quase sempre, as mulheres negras surgem como infecundas e por tanto perigosas (EVARISTO, 2005, p.53).

Em contraposição a essa representação estereotipada, a escritora aponta que há uma vertente escritural feita por autoras afrodescendentes que visa desconstruir esta visão limitada da mulher negra na literatura, uma vez que

Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento, ou melhor, se inscreve no movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida (EVARISTO, 2005, p.53).

Desse modo, as escritoras negras assumem a palavra e se auto-representam, contando suas histórias de sua perspectiva, possibilitando novas imagens de si e de seu povo através de suas vozes. Para a pesquisadora, as autoras “[...] buscam produzir um discurso literário próprio, uma contra-voz à uma fala literária construída nas instâncias culturais do poder.” (EVARISTO, 2005, p.54). Assim,

[...] os textos das escritoras afro-descendentes se inscrevem no proposto por Homi Bhabha (1998, p.321) acerca da poesia do colonizado. Para ele, o discurso poético do colonizado, não só encena o “direito de significar”, como também questiona o direito de nomeação que é exercido pelo colonizador sobre o próprio colonizado e seu mundo (EVARISTO, 2005, p.54).

Em outras palavras, estas autoras deixam de ser objeto e convertem-se em sujeitos criadores de novos mundos, contando suas experiências a partir de seu lugar de fala. Aliás, a pesquisadora denomina a escritura recente de mulheres negras de escre (vivência) e sustenta que esta vertente contribui para a renovação da literatura brasileira tanto no plano de conteúdo quanto no de autoria. Segundo Evaristo (2005, p.54) esta inovação está “[...] profundamente marcada pelo lugar sócio-cultural em que essas escritoras se colocam para produzir suas escritas.”, ou seja, a partir de sua condição feminina negra transformam suas vivências em escrita. Entendemos que as postulações da estudiosa em relação à representação da mulher afrodescendente e ao conceito de escre (vivência) não se referem apenas ao Brasil, mas podem ser estendidas às demais nações de nosso continente, pois há semelhanças no processo de reconhecimento das escritoras negras e nas suas imagens literárias.

Nesse sentido, o estudo *Mulheres afrodescendentes na América Latina e no Caribe: dívidas de igualdade*, coordenado por Alejandra Valdés e publicado em 2018 pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), denuncia as diversas violações de direitos que elas sofreram ao longo de nossa história e mostram caminhos para obter sua plena cidadania. Entre os problemas que precisam ser superados, destaca-se a sua representação social, a qual está relacionada com os efeitos do patriarcado e do racismo, pois

Segundo afirma bell hooks, a cultura branca hegemônica produziu uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado, infundindo no senso comum a ideia de que as negras eram somente corpo, sem mente (hooks, 1995). Portanto, não é por acaso que a percepção relacionada com a capacidade e inteligência das afrodescendentes seja determinada pela raça e pelo gênero (Muñoz, 2014), valorizando seus atributos físicos, como o “exotismo” ou a “exuberância”, na medida em que são ignoradas como pessoas integrais dotadas de subjetividades complexas e capacidade intelectual. Tudo isso contribui para restringir suas possibilidades de desenvolvimento individual e

coletivo, enquadrando-as em papéis que respondem diretamente a esses estereótipos, como cozinheiras, criadas e bailarinas, entre outros. A aceitação natural dessas representações, segundo bell hooks (1995), continua informando a maneira como as mulheres negras são observadas na atualidade, vistas ainda como corpos feitos para servir ou objetos para o consumo sexual (VALDÉS, 2018, p.52).

Observamos que esta representação social estereotipada também pode ser identificada em muitas obras literárias produzidas em nosso continente, conforme assinalaram Bernd (2007) e Evaristo (2005). Entendemos que esta visão preconceituosa da mulher negra não pode ser naturalizada e um caminho para pagar a dívida histórica com as afrodescendentes latino-americanas é estudar a sua escrita, ampliando o alcance de suas vozes e reconhecendo sua merecida cidadania de autoras.

Nesse sentido, em *O perigo de uma história única*, a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019), defende que sua vida está constituída de múltiplas histórias e que é muito simplista considerar apenas os relatos negativos. Adverte que “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história.” (ADICHIE, 2019, p. 26). Também sustenta que “As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar esta dignidade despedaçada.” (ADICHIE, 2019, p.32).

Entre os grupos de nosso continente que mais sofreram discriminação encontram-se as mulheres afrodescendentes. Portanto, é a hora de que escutemos suas vozes e valorizemos suas histórias para empoderá-las e humanizá-las, conforme postulado pela autora nigeriana. Para contribuir com este projeto emancipatório vamos examinar o conto “Valentina”, da escritora afro-colombiana Amalia Lu Possa Figueroa, mas antes vamos tecer algumas

considerações sobre a literatura produzida por mulheres negras na Colômbia e apresentar um breve panorama da história de Chocó nos próximos tópicos.

3 NOTAS SOBRE A LITERATURA AFRO-COLOMBIANA

Segundo alguns estudiosos, delimitar cronologicamente quando se iniciou a literatura afro-colombiana é difícil, mas é possível identificar sua presença desde o período colonial através dos relatos orais feitos por negros escravizados, os quais eram transmitidos de forma coletiva como uma estratégia de preservação cultural. Para muitos críticos, Candelario Obeso (1849-1884) é considerado o precursor da literatura produzida por negros na Colômbia no século XIX. Sua obra foi revalorizada pelo escritor Jorge Artele (1909-1994) no século XX e ambos os autores são vistos como os criadores desta vertente literária. Outros escritores afro-colombianos reconhecidos são Alfredo Vanin (1950-), Manuel Zapata Olivella (1920-2004) e Arnoldo Palacios (1924-2015). Entre as escritoras deste grupo destacam-se Delia Zapata (1926-2001), Maria Teresa Ramírez (1944-), Mary Grueso Romero (1947-), Edelma Zapata (1958-) e Amalia Lú Posso Figueroa (1947-).

Atualmente, a literatura produzida por escritores negros está conquistando um espaço significativo na Colômbia. Um exemplo é a “Biblioteca de literatura afrocolombiana”, organizada pelo Ministério da Cultura no ano de 2010, a qual disponibiliza 18 livros e um ensaio de escritores negros colombianos em formato digital. Porém, neste acervo só há uma obra destinada à literatura escrita por autoras negras: a coletânea *Antología de mujeres poetas afrocolombianas* (2010), organizada por Guiomar Cuesta e Alfredo Ocampo. Desse modo, verificamos que as escritoras afrodescendentes ainda não foram devidamente valorizadas na Colômbia, conforme assinala Karkusin no estudo “Cuerpo y texto: el espacio femenino en la cultura afrocolombiana en María

Teresa Ramírez, Mary Grueso Romero, Edelma Zapata Pérez y Amalia Lú Posso Figueroa”. Em sua opinião,

Delia Zapata, por ejemplo, dedicó su vida a promocionar el folclor colombiano, pero nunca recibió el reconocimiento y apoyo suficiente por parte de entidades gubernamentales. Tampoco han recibido apoyo y reconocimiento las poetas María Teresa Ramírez (1944-), Mary Grueso Romero (1947-) y Edelma Zapata (1958-), entre otras, quienes permanecen casi desconocidas en los ámbitos internacionales y aun entre el pueblo colombiano. En el caso de estas escritoras, es casi imposible conseguir sus obras y mucho menos encontrar crítica sobre ellas (KARKUSIN, 2007, p.198).

A citação explicita a falta de apoio e de reconhecimento das mencionadas autoras afro-colombianas por parte do seu governo. Também registra suas contribuições para a renovação da literatura de seu país, inserindo temáticas e perspectivas inovadoras em seus textos. Além disso, sinaliza os desafios para realizar pesquisas sobre seus escritos devido a sua limitada circulação e insuficientes estudos críticos.

Para a crítica, “Como las poetas mencionadas anteriormente, Posso Figueroa se mueve con agilidad entre la poesía, el folclor, la música y la prosa a la que le da un ritmo vitalista africano que contrasta con el ambiente de muerte y violencia que vive Colombia.” (KARKUSIN, 2007, p.210). Assim, percebemos neste fragmento que Figueroa está incluída na vertente da literatura feminina afro-colombiana, sobressaindo-se por sua versatilidade e pela originalidade de sua proposta estética, a qual proporciona novos olhares para a cultura de seu país.

A partir dos estudos de Vallejo Álvarez (2007) sobre a literatura afrodescendente, em *La génesis de la literatura afrocolombiana en la poesía de Candelario Obeso y Jorge Artel*, Espitia (2012, p. 15-21) atribui oito características à literatura afro-colombiana. São elas: 1) protagonismo do sujeito afro-colombiano; 2) temática racial como elemento recorrente; 3)

protagonismo da comunidade/entorno afrodescendente no mundo da ficção; 4) sincretismo cultural; 5) exaltação das riquezas da oralidade como herança ancestral para manter a história desse povo; 6) ruptura de estereótipos para conseguir reconhecimento e aceitação da sua identidade; 7) problematização da marginalidade social como denúncias e manifestações de descontentamento e injustiças das quais são vítimas; e, por fim, 8) retorno às origens em decorrência da presença dos ancestrais.

Notamos que algumas destas marcas podem ser identificadas no conto “Valentina”, de Amália Lu Posso Figueroa, como veremos neste estudo. No próximo tópico, vamos apresentar informações básicas sobre a região em que este relato está situado, pois possibilitam uma leitura mais ampla da ficção de Figueroa.

4 CHOCÓ: UM TERRITÓRIO NEGRO

Chocó é um Estado localizado na região noroeste da Colômbia cuja capital é Quibdó. Faz fronteira com o Panamá, sendo banhado pelos oceanos Atlântico e Pacífico. Destaca-se por sua biodiversidade, mas, apesar disso, é “[...] a região mais isolada e negligenciada da Colômbia. O Chocó está isolado da floresta amazônica pela cordilheira andina e é o ponto mais úmido do planeta.” (HERSCOVITZ, 2004, p.180).

Segundo o Departamento Administrativo Nacional de Estatística - DANE (2018), é o segundo Estado colombiano com maior população que se reconhece como negra, ficando atrás apenas do Valle del Cauca. O site *Brasil de Fato* registra que o “Chocó possui 82% de sua população formada por afro-colombianos, ou seja, nove em cada 10 pessoas são negras.” (FERNANDES, 2018, s/p). Também assinala que embora seja uma região com um elevado índice de pobreza,

[...] o departamento de Chocó, no entanto, é rico, com grande quantidade de elementos naturais em seu território: ouro, platina, bosque madeirável, petróleo, além da grande quantidade de rios e saída para dois oceanos. Ali se encontram os interesses do Estado colombiano e de empresas nacionais e transnacionais [...] (FERNANDES, 2018, s/p).

A citação mostra um aparente paradoxo, pois é difícil aceitar que uma região com tantas riquezas naturais apresente um alto número de miséria. Afinal, o Chocó é o primeiro produtor de platina das Américas e na Colômbia ocupa o primeiro lugar na produtividade do ouro. Para compreender esta contradição é necessário conhecer sua história.

Verificamos que a região foi saqueada por estrangeiros que se apropriaram de suas riquezas minerais (ouro e platina) desde a época da colonização. É preciso recordar que neste período os espanhóis trouxeram africanos para o Chocó com o intuito de escravizá-los nas atividades de extração de minérios, enquanto os indígenas locais eram explorados no trabalho agrícola. No final do século XIX e início do XX, a Compañía Minera Chocó Pacífico, obteve licença do Estado colombiano para explorar os minérios da região. No entanto, os chocoanos não foram beneficiados por esta associação, pois o ouro e a platina foram levados aos Estados Unidos e o seu trabalho era mal remunerado. Além disso, houve muitos danos ao meio ambiente. Dessa forma, as razões do atual empobrecimento do Estado chocono são antigas e estão conectadas com o imperialismo de outros países que se apropriaram indevidamente de suas riquezas.

No trabalho *La choconidad en el siglo XX. Representaciones sobre el Chocó en el proceso de departamentalización (1913-1944) y en los movimientos cívicos de 1954 y 1987*, Juan Hernández Maldonado (2010) descreve os desafios que os chocoanos enfrentaram para que a região fosse reconhecida como um Estado. Maldonado (2010) informa que o território pertenceu ao Estado de

Cauca desde os primeiros anos da República Colombiana até se tornar a Intendencia Nacional de Chocó no início do século XX. O estudioso explica que a região era discriminada pelo governo colombiano, devido ao seu isolamento, e por grande parte da população que qualificava os chocoanos de selvagens e indolentes. Acrescenta que estas visões preconceituosas prejudicaram a obtenção da independência administrativa do Estado, a qual só ocorreu em 1947.

Entretanto, sete anos depois dessa importante conquista, o ditador Gustavo Rojas Pinilla (1900-1975) propôs que a região fosse repartida entre os estados vizinhos, por causa de sua pobreza. Porém, os chocoanos se rebelaram contra esta proposta de desmembramento. Além disso, os Estados de Antioquia, Caldas e Cauca não entraram em acordo sobre o território que lhes corresponderia nesta divisão. Por esses motivos, o Chocó conseguiu manter-se independente.

Contudo, o pesquisador assinala que as teorias eugenistas, que vigoraram no século XIX e início do XX, e pregavam a inferioridade do negro em relação ao branco e a influência do clima no comportamento dos seres humanos, bem como a representação do isolado e do desconhecido como exótico e selvagem ainda marcam a imagem dos chocoanos nas demais partes da Colômbia. Maldonado (2010) aponta que no século XX a imagem fabricada de um Chocó multirracial, a qual ocultava o racismo, foi substituída pela de um estado negro devido tanto à imigração massiva da elite branca da região na década de 1930 quanto ao acesso dos afro-colombianos aos cargos de poder. O estudioso explica que, assim, a chocoanidade passou a ser vista e entendida em termos raciais, associando-se ao negro.

Também alerta que, atualmente, a região continua abandonada pelo governo colombiano e ressalta que os chocoanos encontraram nas manifestações a forma de chamar a atenção da sociedade colombiana para seus

problemas básicos. Desse modo, se desconstrói a visão preconceituosa de que são inferiores aos seus conterrâneos e de que são passivos, devido ao clima tropical. Alguns episódios desta história foram ficcionalizados por Figueroa, conforme abordaremos a seguir.

5 “VALENTINA”: UMA VOZ DE RESISTÊNCIA

Antonio Roberto Esteves (2010), em *O romance histórico brasileiro contemporâneo* (1975-2000) salienta que as relações entre história e literatura são produtivas e se manifestam desde a antiguidade. O crítico assinala que na América Latina esta intersecção entre os dois discursos pode ser identificada em muitas obras literárias e tem sido objeto de vários estudos. Em sua opinião, “[...] como leitora privilegiada dos signos da história, a literatura é cerne de renovação. [...] Essa é a melhor garantia de viabilidade de um futuro para a América Latina, nela incluída, evidentemente, o Brasil.” (ESTEVES, 2010, p.25). Dessa forma, a literatura pode reler a história de distintas perspectivas e dar voz a grupos que foram silenciados em nosso continente, tal como ocorre no conto “Valentina”, objeto deste estudo.

Na oitava edição do livro *Vean vé mis nanas negras* (2011), há uma espécie de apresentação, após a introdução escrita por Arnoldo Palacios (2011), reconhecido escritor afro-colombiano, e o prólogo feito por Jaime Arocha (2001), um antropólogo colombiano, na qual a escritora toma a palavra. Nesta parte, descreve sua infância em Quibdó e ressalta a importância das suas “nanas negras” em sua formação. Explica que “[...] ahora escribo cuentos, que me han permitido reencontrar los sonidos de mi selva, el gusto de caminar descalza sobre la arena mojada, la carcajada espontánea y la picardía de mis gentes.” (FIGUEROA, 2011, p.15). A citação indicia que estamos diante de recordações positivas de seu lugar de origem e de seus moradores, sinalizando o caráter autobiográfico do relato. O fragmento também nos remete ao conceito de escre

(vivência), proposto por Conceição Evaristo (2005), uma vez que Figueroa assume sua posição de escritora, explicitando que a ficção está construída a partir de suas experiências. Aliás, o ato de escrita está presente desde a capa da obra, simbolizado através da figura de uma máquina de escrever.

O penúltimo conto do livro intitula-se “Valentina” e recupera as lembranças da narradora de sua infância no Chocó, permeadas pelas histórias contadas por sua babá negra que dá nome ao relato, muitas das quais foram transmitidas por sua mãe, Chom. Desse modo, se estabelece uma rede de narrativas que conectam três gerações de mulheres, uma marca das culturas de matriz africana. Além disso, a partir destas recordações, desvelam-se episódios de resistência dos chocoanos em distintos momentos de sua história que nos permitem discutir as representações deste grupo na ficção de Figueroa.

Inicialmente, a narradora apresenta sua babá, a qual possui o ritmo no pensar e considera que ela é a responsável por sua febre vermelha na juventude. Este último elemento é um biografema da escritora, visto que ela participou de uma organização comunista quando estudou em Bogotá. Assim, ela se insere na ficção, problematizando as tradicionais categorias de autor e de narrador.

Em seguida, Valentina é caracterizada. Primeiro, o seu tamanho é comparado ao da catedral de Quibdó e, a seguir, somos informados que ela “[...] tenía una sonrisa que llenaba el mundo y dejaba ver unos dientes enormes, blanquísimos, perfectos; tenía la voz grave y la ternura de su raza.” (FIGUEROA, 2011, p.157). Desse modo, a personagem é representada com atributos positivos, sobressaindo-se sua voz grave e sua ternura, descrita como uma marca do povo negro.

A narradora também registra que a babá liderou a primeira manifestação contra a proposta de desmembramento do Chocó. Explica que eram tempos ditatoriais e que o presidente Pinilla iria visitar a capital. Por isso,

[...] la Gobernación había encargado champaña francesa para el convite; había pancartas de saludo, aderezos de oro para doña Carola, a pesar de su declaración de querer al Cochó. La sociedad de la Carrera Primera había mandado a hacer su mejor vestido, a las mejores modistas de Quibdó, con la mejor tela comprada en el Almacén Ligia (FIGUEROA, 2011, p.157).

Percebemos que a narradora ironiza o exagero dos preparativos e, principalmente, o comportamento das socialites chocoanas que buscam se destacar utilizando melhores vestidos, modistas ou tecidos. No fragmento também se zomba do erro da esposa do ditador, dona Carola, que havia trocado o nome do estado, chamando-o de Cochó, mas que, apesar deste deslize seria homenageada. No entanto, o evento é suspenso devido a um anúncio na rádio de que “[...] en vista de la pobreza del Chocó, un pedazo se anexaría a Antioquia, otro a Caldas y otro a Valle; era el caos, era la desmembración. Ya no sería bienvenido el dictador a Quibdó.” (FIGUEROA, 2011, p.157).

A seguir, a narradora descreve a manifestação contra o desmembramento, informando que todos saíram “hombro con hombro”, reunindo-se as autoridades, as socialites, os comerciantes, os seus negros e sua babá “[...] Valentina adelante, conmigo acaballada sobre sus hombros. Es la manifestación más linda y extraña que recuerdo de todas las manifestaciones en que participé cuando la fiebre roja de juventud, que me dio, como era de esperarse, en la Universidad Nacional.” (FIGUEROA, 2010, p.158). Notamos que a babá é uma das líderes do protesto, carregando a narradora em seus ombros. Também nos deparamos com outros biografemas da autora, pois sabemos que ela estudou Psicologia na Universidade Nacional e participou da Juventude Comunista.

Interessa-nos enfatizar que o movimento é qualificado de lindo e de estranho. Pensamos que a singularidade da manifestação é evidenciada pelo fato de que “[...] en lugar de pancartas cada manifestante enarbolaba una botella de champaña y esa hermosa cualidad de mi raza negra, de cantar sus alegrías y

tristezas, pero de cantar siempre, dio paso espontáneo al himno, ¿o a la marcha ?” (FIGUEROA, 2011, p.158). Este trecho demonstra a forma criativa que os manifestantes utilizaram para se expressar, substituindo os tradicionais cartazes por garrafas de champanhe. O costume de cantar é visto de forma positiva pela narradora, a qual enfatiza a capacidade de sua raça negra expressar seus sentimentos através da música, sejam bons ou ruins.

Também merece destaque a participação da narradora no protesto. Ela informa que “Mi voz de niña remedaba lo que gritaba mi nana Valentina: Viva el Cocó; creo que esa fue la primera y más importante consigna que he gritado en mi vida: Viva el Chocó.” (FIGUEROA, 2011, p. 158). A citação explica porque sua babá foi fundamental para a construção da sua identidade, pois lhe mostrou as injustiças quando era criança, marcando suas opções políticas durante a juventude.

Na sequência somos informados de que “La gente enardecida juraba quemar los pueblos y la capital para dejar sólo cenizas y los escatológicos se subieron a los árboles con una única misión: cagar a los intrusos que llegaran.” (FIGUEROA, 2011, p.159). Entendemos que esta descrição de alguns manifestantes como pessoas furiosas ou escatológicas é uma ironia para criticar a imagem de selvagem que foi construída dos choicanos em outras partes do país. O sarcasmo é intensificado quando registra que a chuva dissolveu o protesto, mas que “[...] emisoras desde Bogotá narraban como un pueblo enardecido continuaba manifestando.” (FIGUEROA, 2011, p.159). No fragmento, denuncia-se o descompasso entre a realidade e o relato midiático, o qual é descrito como uma ficção. Notamos que a zombaria também atinge o escritor Gabriel García Márquez (1927-2014), caracterizado como um jornalista estreado e que

[...] estaba en Quibdó cubriendo, seguramente, la importante visita, porque si llega después no lo hubieran dejado entrar, o le habría sido

imposible pasar por debajo de ningún árbol. En esa época era un novel periodista que le decía a mi gente: salgan a manifestar, protesten, oigan lo que dice la radio: habla de un pueblo sublevado y no sentado tomando champaña (FIGUEROA, 2011, p. 159).

Historicamente, García Márquez foi designado pelo jornal *El espectador* para cobrir os referidos protestos em 1954. Contudo, em uma entrevista para o referido veículo quando já era um autor renomado ele revelou que quando chegou em Quibdó não havia nenhuma manifestação. Então, resolveu ajudar a organizar o protesto com a ajuda do prefeito e do correspondente local de seu jornal, o qual havia inventado notícias sobre a revolta dos habitantes locais contra os desmembramentos que foram divulgadas em Bogotá. Nesse sentido, entendemos a atitude provocativa da narradora exposta na citação acima que põe em dúvida o momento em que o escritor teria chegado à cidade e mostra que ele incitava os moradores a se manifestarem e escutarem a rádio que narrava a sublevação dos chocoanos, os quais, na verdade estavam tomando o champanhe que estava destinado à festa do ditador, segundo o relato. Dessa forma, os limites entre realidade e ficção são problematizados.

Outro elemento que nos chama a atenção na narrativa é a exaltação da negritude dos chocoanos, como podemos verificar no seguinte trecho: “De todos los ritmos, el más lento es el ritmo negro; se permite pausas, pero luego empieza con más ímpetu a pelear por lo que considera justo; así lo pelearon, decididamente, beligerantemente, dignamente. Ganaron. ¡Y no desmembraron al Chocó!” (FIGUEROA, 2011, p.159). Desse modo, valoriza a capacidade de luta dos negros chocoanos, dando outra interpretação para a sua suposta lentidão, a qual pode ser confundida com passividade, mas é interpretada como uma estratégica para reunir mais forças a fim de seguir lutando por justiça.

No conto, Valentina mostra-se orgulhosa com a união de seu povo que impediu a separação do Chocó. Porém, se entristece quando relembra as histórias contadas por sua mãe sobre as atividades de mineração na região.

Através das lembranças destes relatos e de suas experiências quando era criança, entramos em contato com outros episódios da história da região.

Cabe frisar que entre os anos de 1916 a 1926, a Colômbia foi uma grande exportadora de platina, a qual foi explorada pela Companhia Chocó Pacífico. Entretanto, o país não foi beneficiado com esta atividade extrativa e a região se empobreceu. Esta época é ficcionalizada no conto de Figueroa. A narradora explica que

[...] por allá en el año 20, o en el 1918 tal vez, cuando Valentina tenía ocho años, llegó una cosa grande al Chocó; la metían en los ríos y la comandaban unos hombres monos, altos, blancos como ranas plataneras, pero con ojos azules y una lengua de trapo que juntaba las letras de una forma rara, que hacía que las palabras sonaran muy distinto al, vea vé, al qué pasa mi gente [...] qué es lo que estos monos que llaman gringos tan haciendo con el oro (FIGUEROA, 2011, p.160).

A citação reconstrói a chegada dos estrangeiros que iriam coordenar os trabalhos de mineração no Estado e a partir deste momento, a babá assume o relato. Notamos que os exploradores são caracterizados por ela como homens altos, sendo comparados a macacos e rãs devido a cor de sua pele. Também possuem olhos azuis e falam uma “língua de trapo” diferente do “vea vé” dos chocoanos. Além disso, são chamados de “gringos” e apresentam marcas que são relacionadas a animais, mostrando o estranhamento da babá diante destes novos habitantes da região.

Os “gringos” trouxeram vários aparelhos desconhecidos dos chocoanos, uma alusão ao histórico isolamento do Estado. Valentina relata que um deles “[...] dizque llamaba draga y por donde iba pasando, al mismísimo tiempo que se sonsacaba el oro, mataba todos los pescaditos [...]” (FIGUEROA, 2011, p.160). Entendemos que este trecho critica a destruição do meio ambiente pela citada companhia de mineração. A personagem também denuncia que

Muchos, muchísimos, fueron los negros y las negras que dejaron sus vidas en el río, tratando de sumergirse a lo hondo, con las manos llenas de lo que sabían y sentían como suyo y sentían más que sabían, que se lo estaban quitando, con el derecho dizque ganado, por haber pagado veinte millones de pesos, que les permitía a los gringos monos explotar durante cincuenta años sin que naides pensara en ripostar (FIGUEROA, 2011, p.164).

O fragmento critica as precárias condições em que os negros trabalhavam, causa de muitas mortes. Também questiona o fato de que não podiam usufruir do ouro que encontravam em sua própria terra, por causa do infame acordo assinado entre o governo colombiano e a Chocó Pacífico. Além disso, Valentina denuncia o tratamento desumano que recebiam dos representantes da companhia. Entre eles, destaca-se por sua crueldade um alemão que no momento de pagar o trabalho dos chocoanos obrigava-os a buscar o dinheiro no “[...] suelo, en cuatro patas y no siempre en el mismo lugar, mientras un poco los perros asesinos que llamaban mastines, los olían, demarcando un pite de territorio que no se podía transpasar.” (FIGUEROA, 2011, p.164). Assim, tratava-os como se fossem animais.

A babá explica que os negros contavam e cantavam em voz muito baixa suas dores e necessidades. O principal problema era o fato de que devido ao uso de mercúrio muitos tiveram que vender suas terras e casas a preços baixíssimos. Porém,

Algunas noches, grupos de negros se encaramaban en los árboles con escopeta maricon y machetes, pensando que a la draga iban a poder parar; al otro día solo encontraban montañas de cascote que nunca más los dejó pasar, en champa, caminando o nadando, a lo que alguna vez ellos llamaron casa y en la que querían descansar, bailar, corrinchar (FIGUEROA, 2011, p.165).

Percebemos que o fragmento retrata a tentativa de resistência dos chocoanos diante da opressão da mineradora, mas apesar de seus esforços, não

conseguiram destruir a draga e foram até impedidos de ir ao rio que consideravam como sua casa. A personagem também registra que eles diziam que o ouro

[...] era propiedad de un estado unido, nunca se supo unido a qué; lo único que todos sabían era que ese oro no estaba ya unido al río, ni a los negros, con su mazamorreo diario, ni a las gargantas de las negras con su grano de café de veinticuatro kilates [...] no estaría ya en ninguna parte, ya había dejado de ser propiedad (FIGUEROA, 2011, p.165).

Notamos que a citação questiona a exploração predatória do ouro desenvolvida pela Chocó Pacífico, dirigida por estadunidenses, a qual se apropriou de riquezas que deveriam ser dos chocoanos. Também ironiza o sentido do vocábulo Estados Unidos, visto que eles causaram o empobrecimento da região e não praticaram nenhuma ação que promovesse união, conforme sugere o seu nome.

Após conhecermos estas histórias contadas pela mãe de Valentina, relatadas pela babá, a narradora retoma a palavra, registrando que a personagem “Pensó, pensó mucho, hasta que la pensadera se le metió muy adentro haciéndola envalentonar, por su raza, por su oro, por sus gente, por su tierra chica, por su tierra grande, por algo la nana Valentina tenía el ritmo en el pensar.” (FIGUEROA, 2011, p.166). Entretanto, além de pensar, ela agia, pois “La nana Valentina participó activamente en todas las levantadas que se organizaron en Quibdó, muchos años después.” (FIGUEROA, 2011, p.166). A babá também ajudou os chocoanos a se organizarem e lutarem por seus direitos. Para isso,

Hilvanó palabras que volaron por el aire del parque al igual que las golondrinas; le dijo a su pueblo lo que era justo vea vé y como había que pelearlo; nunca se casó, no podía darle a un solo hombre lo perentorio de su palabra y la inmensidad de su corazón, siempre pensó que eran para su pueblo, para su negramenta; ondeó la

bandera de la justicia, siempre al lado de la blanca bandera de su sonrisa; todos sabían que adentrándose por la limpieza de su mirada, podían leer en su corazón y en su pensado (FIGUEROA, 2011, p.166).

O fragmento mostra a generosidade da personagem que se dedicou a defender o seu povo, renunciando, inclusive, a projetos pessoais. Com esse propósito “[...] habló con sus negros, los oyó con atención, nunca prometió nada distinto a sembrar una esperanza que le permitiera a sus gentes pararse con la mano en la angarilla, para glosar ante cualquier injusticia [...]” Desse modo, utilizou o seu ritmo de pensar para ajudar os seus semelhantes a conscientizá-los seus direitos e suas palavras ganharam força, tornando-a a voz de resistência do Chocó e a guardiã de suas histórias.

6 PALAVRAS FINAIS

Como vimos, Figueiroa recriou em seu conto dois momentos importantes da história do Chocó: a tentativa de desmembramento da região em 1954 e a exploração das riquezas minerais feita por uma multinacional nas primeiras décadas do século XX. Entendemos que os dois acontecimentos estão interligados porque o ouro e a platina da região foram saqueados por corporações estrangeiras, causando a pobreza dos chocoanos, a qual foi usada para justificar a tentativa de separação do Estado.

Entendemos que o diálogo entre a literatura e a história nesta ficção possibilita desconstruir a imagem estereotipada dos habitantes deste território negro que está presente em outras partes da Colômbia. Conforme já assinalamos, os chocoanos eram vistos por seus conterrâneos como passivos ou selvagens, devido às ideias racistas que ainda estão em circulação. Esta representação negativa é estilhaçada pela voz de Valentina que conta relatos da tenacidade e da perspicácia deste grupo em dois períodos de sua história.

Primeiro, no episódio do desmembramento do Chocó, a personagem exalta a negritude de sua gente, destacando a forma subversiva de expressar seus sentimentos através de cantos e ressignifica sua lentição, vista como uma estratégia de resistência. Depois, denuncia as péssimas condições de trabalho e as humilhações a que os negros foram submetidos pela Chocó Pacífico, causando muitas mortes e o empobrecimento da região. Também registra que eles tentaram destruir a draga e impedir a continuidade da exploração, mas foram derrotados. No entanto, continuaram a resistir à opressão através de seus cantos.

Acreditamos que, simbolicamente, através da babá negra, Figueroa dá voz a um grupo que foi silenciado historicamente, proporcionando outras representações das mulheres afrodescendentes. Observamos que Valentina é caracterizada com atributos positivos, tais como inteligência, ternura, generosidade e senso de justiça. Além disso, dominava a arte da palavra que usava para contar histórias à narradora e também para conscientizar os chocoanos a lutarem por seus direitos. Desse modo, a personagem tornou-se líder de sua comunidade.

Em suma, “Valentina” rompe com a história única de pobreza do Chocó, mostrando suas causas e a capacidade de resistência dos chocoanos, desconstruindo sua imagem negativa. Concluímos que é importante escutar as vozes de outras escritoras afrodescendentes na América Latina, as quais através de suas escre (vivências) nos contam histórias dos negros latino-americanos de distintas perspectivas. Assim, suas obras podem proporcionar novas formas de combater o racismo e pagar a dívida histórica com os afrodescendentes, particularmente, com as mulheres de nosso continente.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BERND, Z. *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2007.

ESPITIA, Y. M. E. La génesis de la literatura afrocolombiana en la poesía de Candelario Obeso y Jorge Artel. Disponível em: <http://bdigital.unal.edu.co/11563/1/yeseniamariaescobarespitia.2012.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2020.

ESTEVES, Antônio R. *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

EVARISTO, C. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. *Revista Palmares*, v. 1, p. 52-57, 2005. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2011/02/revista01.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2020.

FERNANDES, V. *Brasil de Fato*. 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/especiais/na-imensidao-da-guerrilha-do-eln>. Acesso em: 07 abr. 2020.

FIGUEROA, A. L. P. *Vean vé, mis nanas negras*. 8ª ed. Bogotá: Ediciones Brevedad, 2011.

GUARDIA, S. B. Literatura e escrita feminina na América Latina. *Anuário de Literatura*, v. 18, p. 15-44. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/21757917.2013.v18nesp1p15/25234>. Acesso em: 28 mar. 2020.

HERSCOVITZ, H. G. O Jornalismo Mágico de Gabriel García Márquez. *Estudos em Jornalismo e Mídia*. Vol. I. Nº 2. 2004. Disponível em: <file:///C:/Users/PC/Downloads/2080-6205-1-PB.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2020.

KRAKUSIN, M. Cuerpo y texto: el espacio femenino en la cultura afrocolombiana en María Teresa Ramírez, Mary Grueso Romero, Edelma Zapata Pérez y Amalia Lú Posso Figueroa. In: *ORTIZ, L. (Org.) "Chambacú, la historia la escribes tú": ensayos sobre cultura afrocolombiana*. Madrid: Iberoamericana Editorial, 2007.

MALDONAD, J. H. La chocoanidad en el siglo XX. Representaciones sobre el Chocó en el proceso de departamentalización (1913-1944) y el los movimientos cívicos de 1954 y 1

Disponível em:
<https://repository.javeriana.edu.co/bitstream/handle/10554/6617/tesis144.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 abr. 2020.

VALDÉS, A. (Coord.) *Mulheres afrodescendentes na América Latina e no Caribe: dívidas de igualdade*. Santiago: Nações Unidas, 2018.

Recebido em 15/05/2020.

Aceito em 30/07/2020.